

Verdadeira Tragédia do Marquez de Mantua e do Imperador Carloto Magno

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Verdadeira Tragédia do Marquez de Mantua e do Imperador Carloto Magno*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Junho de 2007

ISBN: 978-972-9249-11-2

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de 1 Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no CEAMM

No CEAMM existem quatro cópias. A primeira é uma fotocópia da colecção “Bibliotheca para o Povo”, nº 20, da autoria de Balthazar Dias, editada pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, Porto, 1907, a qual leva o seguinte título:

Tragédia do Marquez de Mantua e do Imperador Carloto Magno A qual trata como o Marquez de Mantua, andando perdido na caçada, achou a Valdevinos ferido de morte, da justiça que por sua morte foi feita a D. Carloto, filho do Imperador, e na qual figuram as seguintes personagens: Marquez de Mantua; Valdevinos, seu sobrinho; um PAJEM; dous Embaixadores, chamados Duque Amão, e e Conde D. Beltrão; o Imperador Carloto; Ganalão; a Imperatriz; a Mãe, e esposa de Valdevinos, e D. Carloto.

As restantes três, dactilografadas, são cópia de uma delas, seguindo, *grosso modo*, a edição impressa. A edição digitalizada reproduz uma destas versões.

2. Origens

Como se pode constatar, trata-se de uma versão já bastante “tardia” desta obra de Baltazar Dias uma vez que a primeira edição conhecida é de 1664. Tal facto atesta, contudo, o êxito que as suas obras tiveram ao longo dos séculos.

Este texto é uma das mais importantes composições dramáticas do século XVI. O contexto é de profunda transformações sociais e culturais, abertura, desenvolvimento, optimismo e confiança no futuro. Enquanto muitos se dirigiam para Itália, sobretudo Florença, procurando beber as novas letras “mais humanas”, Baltazar Dias, o “cego da ilha da Madeira”, configura-se como um autor onde confluem e de alguma forma se sincretizam alguns aspectos temáticos fundamentais da mundividência medieval: o cavaleiresco e o religioso. A fé na justiça, a honra e o heroísmo são outros vectores temáticos presentes na sua obra e que terão igualmente contribuído para o sucesso deste texto e do seu autor.

Baltazar Dias é quase o único sucessor daqueles cegos jograis que cantavam velhas façanhas¹. A sua aceitação por parte do povo foi grande, graças, entre outros motivos, à simplicidade da sua linguagem e «por ser homem pobre», que vendia e cantava publicamente os seus *pliegos sueltos*, revitalizando, deste modo, a imagem antiga do cego músico e cantor². Enquanto *escritor do povo*, enraíza-se em toda uma tradição secular à qual

¹ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Romances velhos em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, p. 256.

² Sobre este tema veja-se Júlio Caro Baroja, *Ensayo sobre la literatura de cordel*, Madrid, Istmo, 1969, pp. 43-55. Na Terra de Miranda conservou-se, até há bem poucas décadas, a tradição dos cegos que, de terra de em terra, passavam pedindo esmola, tocando e cantando esses romances. Ainda me lembro de os ver e ouvir.

permanece fiel sobretudo nas vertentes semântica e técnico-discursiva. A adesão do público, de cariz marcadamente popular, ligado ao mundo rural, exige temas sensacionais, vívidos e sentimentais (patéticos, às vezes, mas não tão distantes de algumas manifestações que, na actualidade, congregam e arrastam as massas populares, ouvintes e telespectadores). O autor, mais do que um introdutor, convoca para a sua obra abundantes ecos onde se projectam de modo especular discursos distantes de muitos “romances” conhecidos na tradição oral europeia e peninsular. O romance sobre o Marquez de Mântua é justamente “um desses velhos romances populares tecidos à volta de Carlos Magno e da sua época”³ onde, como refere Ramón Menéndez Pidal, a narração era suprimida e a cena ou situação se desenvolve toda em forma de diálogo⁴. Tendo sofrido, ao longo dos tempos, inúmeras variações no título, considera-se que o mais apropriado é *Tragédia do Marquês de Mântua*. Uma versão deste “romance”, muito idêntica à nossa, foi publicada por Almeida Garrett⁵.

3. Representações

Valdemar Gonçalves informa que este “colóquio”, também conhecido, na Terra de Miranda, por *Tragédia de Valdevinos e do Imperador Carloto Magno*, foi recentemente representado em São Martinho de Angueira, mas não refere a data precisa⁶. A versão editada pelo GEFAC, mais extensa do que a nossa, foi recolhida em Avelanoso de um manuscrito datado de 1 de Julho de 1924. Nesta localidade terá sido também representado por volta de 1949.

É provável que o texto aqui apresentado não corresponda àquele que foi representado nestas localidades. Com efeito, faltam-lhe algumas das “personagens” e elementos essenciais do teatro mirandês: a “profecia”, o Diabo ou Satanás, Deus, um Anjo ou outra personagem divina. De referir que todas elas estão presentes da edição recolhida e editada pelo GEFAC.

Segundo Ferreira Deusdado, um dos temas mais míticos do Cancioneiro Popular Mirandês, o *Mirandun*, foi justamente trazido por uns cegos de Vimioso que, na sequência na destruição da praça mirandesa, em 1762, apareceram cantando esta canção. Ver Ferreira Deusdado, *Escorços Transmontanos*, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1912, p. 149.

³ Alberto Figueiredo Gomes, *Autos e trovas de Baltazar Dias*, Funchal, Tipografia Comércio do Funchal, 1961, p. XXXVI.

Uma versão deste romance pode ser encontrada neste site:

<http://depts.washington.edu/hisprom/optional/balladaction.php?igrh=0088&publisher=Wolf%201856b>

⁴ Ramon Menéndez Pidal, *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí): teoría e historia*, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, Tomo I, p. 64.

⁵ Almeida Garrett, *Romanceiro*, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Vol. III, 1963, ,

⁶ Ver Valdemar da Assunção Gonçalves, *Teatro Popular Mirandês*, Lisboa, Instituto de Desenvolvimento Social, p. 41.

**VERDADEIRA TRAGÉDIA DO MARQUEZ DE
MANTUA E DO IMPERADOR CARLOTO
MAGNO**

A qual trata como Marquez de manta andando perdido na caçada achou a
Valdevinos ferido de morte E da justiça que por sua morte foi feita a D.

Carloto filho do imperador

NA QUAL FIGURAM AS SEGUINTE
PERSONAGENS:

Marquez de Mântua
Valdevinos, seu sobrinho
Um Pajem
Dois embaixadores chamados
Duque Amão e o conde D. Beltrão
O Imperador Carloto
Ganalão
A Imperatriz
A *mãe* e esposa de Valdevinos
E D. Carloto

Diz o Marquez fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caçada é esta
Que a fortuna me há mostrado
Pois que por ser manifesta
Minha pena e gran cuidado
Me mostrou esta floresta.

Nunca vi tão forte brenha
Desde que me acorde de mim
Eu creio que Margasim
Fez esta serra de *ardenha*¹
Estes campos de *Marlin*¹.

Quero tocar a *bosina*
Por ver se alguém me ouvirá
Mas cuido que não será
Porque minha gran mofina²
Comigo começou já.

Todavia quero ver
Se mora alguém nesta serra
Que me diga desta terra
Cuja é para saber
Que quem pergunta não erra.

Por demais é o tanger

Era *logar deshabitado*
Onde não há povoado
Ao que lhe for *preguntado*.

Grão mal é o caminhar
Por tão fragosa montanha
Cansado assim sem companhia
Não tenho onde repousar
Nesta serra tão estranha.

Vejo o mato tão serrado
Que fiz bem em me apear
E meu cavalo deixar
Porque está tão cansado
Que já não podia andar.

Agora vejo-me aqui
Nesta tão grande espessura
Que nem eu me vejo a mim
Nem sei da minha ventura.

Nem menos será cordura
Repousar neste *logar*
Nem sei onde possa achar
Descanso a minha tristura.

VALDEVINOS
Ho virgem minha senhora
Madre do rei da verdade
Por vossa grão piedade
Sede minha *interssessora*.
Em tanta necessidade.

Ho suma regina pia
Radiante luz pbebea
Custodia anima mea
Pois está na terra fria
A alma de pesar cheia
Pois és amparo dos teus
Consola os desconsolados
Rainha dos altos céus
Rogai ao meu senhor deus
Que perdoe os meus pecados.

MARQUEZ
Não sei quem ouço chorar
E gemer de quando em quando
Alguém deve aqui estar
Segundo se está queixando

¹ A forma que se encontra na versão editada pela Livraria Chardron é “Merlim”, ou seja a personagem do Ciclo Arturiano, mago, profeta, conselheiro e grão-druida. As referências a esta edição serão, doravante, indicadas apenas pelas iniciais do autor: BD.

² Infelicidade, desgraça.

Deve ter grande pesar.

VALDEVINOS

*Domine memento mei*³

Lembraí-vos da minha alma
Pois que sois da glória rei
Nascido da flor da palma
Remédio da nossa lei.

MARQUEZ

Segundo dele se espera
Aquele homem anda perdido
Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.

Quero ver este mistério
Que a fala me dá ousadia
Porque dois em companhia
Tem grande refrigério
Para qualquer agonia.

VALDEVINOS

Minha esposa e senhora
Já não tereis em poder
Vosso esposo que assim chora
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer!

Ho vida ao meu viver
Resplandecente *nasciso*⁴
Grão pena levo em saber
Que nunca vos hei-de ver
Até o dia de júizo.

Ho esperança por quem
Tinha *victória* vencida
Ho minha glória meu bem
Porque não partis também
Pois que sois a minha vida.

Se não for de vossa vontade
De haver de mim compaixão
Mandai-me meu coração
Minha fé e liberdade
Que está em vossa prisão.

³ Esta expressão, atribuída ao bom ladrão, que assim pede a Cristo que interfira por ele quando chegar ao paraíso, encontramos-a igualmente em Gil Vicente, no *Auto da Barca do inferno*, na boca do Corregedor que, perante a condenação inevitável, pede a ajuda divina.

⁴ Por “Narciso”.

Madre minha muito amada
Que é do filho que paristes
De quem ireis⁵ consolada
De quem se há tornado nada
Quanta glória possuístes.

Já me não vereis reinar
Já me não dareis *consselho*
Nem eu o posso tomar
Que quebrado é o espelho
Em que vos *soieis* olhar.

Já nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios
Nem vestir nobres arreios
Nem cavaleiros vencer
Nem tomar bandos alheios.

Já não tomareis prazer
Quando me vireis armado
Já vos não virão dizer
Nem louvar-me de esforçado.

Ó valentes cavaleiros
Reinaldos de Montalvão⁶
Ó esforçado Roldão
Ó marquez dom Oliveiros
D. Ricardo, D. Dodão.

D. Gaiferos, D. Beltrão
Ó grão duque de Milão
Que é da vossa companhia
Duque de Naime de Baviera
Que é do vosso Valdevinos

Ho esforçado Guarinos
Quem consigo vos tivera
Meu amigo Montesinos
Já nunca mais vos verei
Dom Alonso de Inglaterra
Já nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.

Ho esforçado Marquez
De Mântua teu senhorio
Já não me poreis arnez
Nem me vereis outra vez
Gosar vosso senhorio.

⁵ Na versão impressa lê-se “éreis”.

⁶ Na transcrição aparece “monte Alvão”.

Já nem quero vosso estado
Já nem quero ser pessoa
Nem mandar nem ter reinado
Já não quero ter coroa
Nem quero ser venerado.

Ho Carloto Imperador
Senhor de mui alta sorte
Como sentireis grão dor
Sabendo de minha morte
E quem dela é causador.

Bem sei se for informado
Do caso como passou
Que serei mui bem vingado
Ainda que me matou
Vosso filho mui amado

O príncipe D. Carloto
Que era tão desigual
Te moveu fazer mal
Em um *logar* tão remoto
A teu amigo leal.

Alto Deus Omnipotente
Juiz direito sem par
Sobre esta morte *enocente*
Justiça queiras mostrar
Pois morro tão cruelmente.

E fonte de piedade⁷
Arca da Santa Trindade
Onde o Verbo o Divino
Trouxe a sua *homanidade*
Ó *santa domina mea*
Ó *virgem gracia plena*
Em que minha alma se recreia
Dai remédio à minha pena
Pois que morro em terra alheia.

MARQUEZ
Senhor porque vos queixais?
Quem vos tratou de tal sorte
E quem o que tal morte
Vos deu como publicais.

Que assaz é este mal forte

⁷ Certamente por lapso do copista, foi eliminado o primeiro verso desta estrofe que aparece na versão impressa: “*Oh Madre de Deus benigno*”.

Não me negueis a verdade
Contai-me vosso pesar
Que prometo ajudar
Com toda a força e vontade.

VALDEVINOS
Muito me agasta, ó amigo
Certamente o teu tardar
Diz se trazes contigo
Quem me haja de confessar.

MARQUEZ
Eu não sou quem vos cuidais?
Nunca comi vosso pão
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram onde estais
Mui movido de compaixão;
Dizei-me vossa agonia
Que se remédio tiver
Eu vos prometo fazer
Com que tenhais alegria.

VALDEVINOS
Meu senhor muitas mercês
Por vossa boa vontade
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis
Segundo vossa bondade.

Mas minha dor é mortal
Meu remédio é só a morte
Porque estou parado tal
Que nunca homem mortal
Foi tratado de tal sorte.

Tenho senhor vinte e duas
Feridas todas mortais
E passo penas tão cruas
Que não poderão ser mais.

Há-me morto à traição
O filho do Imperador
Carloto a grão⁸ sem razão
Mostrando-me todo o amor
Mas não o tendo no coração.

Muitas vezes requeria
Minha esposa com maldade
Mas ela não consentia
Pelo bem que me queria

⁸ Por “gran”, como aparece na versão impressa.

Por sua grande bondade.

Carloto como mais pesar
Como mais traidor que forte
Ordenou de me matar
Cuidando com minha morte
Com ela haver de casar.
Matou-me com tal falsia
Trazendo cinco consigo
Sem eu trazer mais comigo
Que um *PAJEM* por companhia.

A mim me chamam Valdevinos
Sou filho de el rei de Fracia⁹
E primo de el rei da Grécia
E do forte de Montesinos
Que é herdeiro de Fracia.

Dona Ermelinda formosa
Minha madre natural
E Sibila minha esposa
De graças especial
Mas com primores famosa.

Esta nova contareis
A triste de minha madre
Que em Mantua achareis
E ao *honrrado* Marquez
Meu tio irmão de meu padre.

MARQUEZ¹⁰
Ho desastrado viver
Ho amargorosa ventura
Ho ventura sem prazer
Prazer cheio de tristura
Tristura que não ser.

Ho desventurada sorte
Ho sorte sem sofrimento
Desamparado tormento
Dor muito pior que a morte
Morte de desabrimento.

Ho meu sobrinho meu bem
Minha esperança perdida

Ho glória que vos sustém
Porque vos partis de quem
Sem vós não terá mais vida.

Ho desventurado velho
Captivo sem liberdade
Quem me pode dar conselho
Pois quebrado é o espelho
De minha grã claridade.

Ho minha luz verdadeira
Trevas de meu coração
Penas de minha paixão
Cuidado que me *marqueira*
Tristeza fie tal traição!

Porque não quereis falar
A este Marquez coitado
Que tio *soias* chamar
Falai-me sobrinho amado
Não me façais rebentar

VALDEVINOS
Meu tormento tão molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na fala nem no gesto
Nem entendo vosso dizer.

Se não for mais manifesto
Estou tão posto no fim
Que não sei se sou alguém
Nem mesmo conheço a mim
Pois quem não conhece a si
Mal conhecerá ninguém¹¹.

MARQUEZ
Como não me conheceis
Meu sobrinho Valdevinos
Eu sou o triste Marquez
Irmão de El Rei D. Salinos
Que era o pai que vos fez.

Eu sou o Marquez sem sorte
Que *devêra* arrebentar
Chorando a vossa morte
Por sem vida não ficar
Neste mundo sem deporte.

⁹ Assim nos aparece quer na versão impressa quer na dactilografada. Em outras versões podemos ler quer “Trácia”, região que hoje pertence à Grécia, que Dácia, que na geografia antiga correspondia à terra dos dacii ou getae, situada na Europa Central.

¹⁰ Na versão impressa esta intervenção é atribuída, certamente por lapso de impressão, a Valdevinos.

¹¹ Este apelo, na boca do moribundo Valdevinos, é também dirigido a todo o auditório / leitores para que cada um se conheça a si próprio antes de falar do vizinho.

Ho triste mundo coitado
Ninguém deve em ti fiar
Pois és tão desventurado
Que o que tens mais exaltado
Mór queda lhe fazes dar.

VALDEVINOS

Perdoai-me senhor
A minha descortesia
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio
Que já vos não conhecia.

Não me queirais mais chorar
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo
Que dobrais meu mal profundo¹²
Para meu bem e mal passar.

E bem sabeis que nascemos
Para ir a esta jornada
E que quanto mais vivemos
Maior ofensa fazemos
A quem nos criou de nada.

Assim que necessidade
Não tendes de me chorar
Pois que Deus me *quis* levar
No meio da minha idade
Para mais que aproveitar.

Mas que haveis de fazer
É por minha alma rogar
Porque o muito chorar
A alma não dá prazer
Mas antes mui gran pesar.

Quero-vos encomendar
Minha esposa e minha madre
Pois que não tem outro padre
Que as haja de amparar
Se não vós como é verdade.

Mas o que dá paixão
Em esta triste partida
É morrer sem confissão
Mas se parto desta vida
Deus receberá atenção.

¹² Este verso aparece repetido nas páginas três e quatro, tratando certamente por lapso do copista.

*Vem o "armitão" e o pajem. Diz o ermitão*¹³:
A paz de Deus sempre eterno¹⁴
Seja com *vosco irmão*
Lembraí-vos da sua paixão
Que para nos livrar do inferno
Padeceu quanto a Varão.

VALDEVINOS

Com coisa mais não folgará
De vê-lo aqui chegado
Padre de Deus enviado
Que se um pouco mais tardará
Não me achará neste estado¹⁵.

PAJEM

Ó que desastrada sorte
Meu senhor Danes Ogeiro
Olhai vosso escudo forte
Olhai senhor vosso herdeiro
Em que extremo o pôs a morte.

Ho desditoso caminho
Caça de tanto pesar
Que cuidado¹⁶ de caçar
A morte a vosso sobrinho
Vieste, senhor, buscar.

ERMITÃO

A grão pressa que traria
Não me deu senhor lugar
De conhecer nem falar
A vossa grão senhoria
Neste erro se há culpa
Peço-lhe dela perdão
Ainda que a discricção
Sua me dará desculpa.

MARQUEZ

Rogai a Deus, Padre *honrrado*
Que me queira dar paciência

¹³ Conservámos a ortografia de "armitão" pois ela é bem exemplificativa de que a "cópia" terá sido feita por um mirandês, uma vez que essa é a forma mirandesa.

¹⁴ A forma que nos aparece na versão impressa é "sempiterno".

¹⁵ Na versão de Baltazar Dias, as formas verbais "folgará, tardará e achará", desta estrofe, aparecem no Pretérito Mais que Perfeito e não no Futuro do Indicativo.

¹⁶ Por "cuidando".

Que o perdão é escusado
Porque vossa diligência
Vos não deixa ser culpado.

ERMITÃO

O filho de Deus enviado
Vos manda consolação
E pois que aqui sou chegado
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado.

Cousa é mui natural
A morte a toda a pessoa
A todo o mundo em geral
Pois que a nenhum perdoa
Não a tenhamos por mal.

Porque o pecado de Adão
Foi tão fero e tão forte
Que não só na geração
Mas Deus que é a salvação
Quix também receber morte.

E *por tanto* filho meu
Não se deve espantar
Da morte que Deus lhe deu
Porque por provimento seu
Lha deu para o salvar.

Que já não dá galardão¹⁷
Senão *tristesa* e cuidado.

Enquanto o filho tem vida
Chame a Madre de Deus
Aquela que foi nascida
Sem pecado concebida
E coroada nos céus.

Esta foi santificada
E visitada dos anjos
E em corpo e alma levada
À glória onde exaltada
Está sobre os arcanjos.

Assim que ao Redentor
E a esta Virgem sem par

Se há o filho de encomendar
Depois que os santos for
Sua vontade chamar.

As mãos levante aos céus.
Faça confissão geral
Confessando-se a Deus
E à Virgem celestial
E a todos os santos seus.

MARQUEZ

Ho bonança aborrecida
Ho desastrada fortuna
De prazeres grão tribuna
Porque não desamparais
A quem tanto me importuna
Tristesa e desconfiança.

Contai-me *PAJEM* Burlor
O caso como passou
Quem foi aquela traidor
Que matou o vosso senhor
Ou porque causa o matou.

PAJEM

Ser-me-ia mui grão contado
Se a sua gran senhoria
Não contasse o passado
Eu sei certo o que faria
O que não é esperado
Contra quem me deu estado
E feito a tantas mercês
Nunca meu pai me fez
O que meu senhor amado
E mais vós senhor Marquez.

Estando pois em Paris
O filho do Imperador
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da Imperatriz
Falaram mui a sabor
O que falaram não sei
Se não que logo nessa hora
Sem fazer mais demora
Com quatro atrás de si
Foram da cidade fora
Armados secretamente
Segundo depois ouvi
Partimos todos daí
E D. Carloto presente

¹⁷ Possivelmente por lapso do copista foram ignorados três versos em relação à versão de BD, que são os seguintes: “Lembre-lhe sua paixão / D’aqueste mundo coitado / Não engode o malvado.”

Também armado outro si.

E tanto que aqui chegaram
Neste vale de pesar
Todos juntos se apearam
E fizeram-me ficar
Com os cavalos que deixaram.

E logo todos entraram
Em este esquivo *logar*
Onde meu senhor mataram
E depois de o matar
Nos cavalos se tornaram.

Como eu os vi tornar
Sentindo mui tal dor
Temendo de lhe falar
Não ousei de lhe *preguntar*
Onde estava meu senhor
Vendo-os assim caminhar
Porque nenhum me falava
Quiz a meu senhor buscar
Porque a meu coração me dava
Sobressaltos de pesar.

Não o podia topar
Porque a grande espessura
E a noite medrosa e escura
Me fazia não o achar
De que tinha gran tristura.

Buscando-o com gran paixão
Naquele lugar remoto
O achei desta feição
Disse-me como à traição
O matara D. Carloto.

Perguntei porque razão
Triste cheio de agonias
Disse-me com aflição
Vai-me buscar confissão
Já se acabaram meus dias.

Como tais novas ouvi
Com grande tribulação
É pesar de vê-lo *assí*
Me parti logo daqui
A buscar este Ermitão.

Isto é senhor o que sei
Deste caso desastrado

De quanto me *ha preguntado*
Outra coisa não direi
Mais do que lhe hei contado.

MARQUEZ

Quando sua *magestade*
Justiça me não fizer
Com toda a *rigoridade*
A força de meu poder
Cumprirei minha vontade

ERMITÃO

Já senhor se *ha* confessado
E fez actos de cristão
Morreu com tal contrição
Que estou maravilhado
De sua gran discrição.

Não pode muito tardar
Segundo nele senti
Acabai de lhe falar
Porque lhe quero rezar
Os salmos de El Rei David..

VALDEVINOS

Não tomeis tio pesar
Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.

Torno-vos encomendar
Minha esposa e minha *mãe*
Que as queirais consolar
E a ambas amparar
Pois que não tem outro pai.

Oração de VALDEVINOS

Em as tuas mãos senhor
Encomendo meu espírito
Pois que és salvador meu
Meu Deus e meu redentor.
Não me falte favor teu
Pois senhor
Me *redemiste*
Como Deus que és de verdade
Senhor de toda a piedade
Lembra-te desta alma triste
Cheia de toda a maldade
Salve, Senhora benigna
Madre da *mesiricordia*

Paz de nossa *gran discordia*
Dos pecadores *mesinha*
Vida doçura e concórdia
Spes nostra a ti *invocamos*
Salva-nos da escura treva
A ti senhora chamamos
Desterrados filhos de Eva
A ti virgem suspiramos
A ti gemendo e chorando
Em *aquestre* lacrimoso
Vale sem nenhum repouso
Sempre Virgem a ti chamamos
Que és nosso prazer e gozo.

Ora pois nossa *adevogada*
Amparo da cristandade
Volve os olhos de piedade
A mim virgem consagrada
Pois que és nossa liberdade
Dá-me senhora virtude
Contra todos meus inimigos
Pois que és nossa a saúde
Teu favor rogo me ajude
Nos temores e perigos
Roga tu por mim senhora
Ó santa *mãe* de deus
Em quem a minha alma adora
Pois que és rainha dos céus
E dos anjos *soperiora*.

Aqui expira Valdevinos e diz o
MARQUEZ

Ho triste velho coitado
Ho câs cheio de tristura¹⁸
Ho doloroso cuidado
Ho cuidado sem ventura
Sem ventura desastrado
Quebrem-se minhas entranhas
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.

Chorem todas as companhas
Minha grande perdição
Escurecem-se o sol com dó
Caem as estrelas de céu¹⁹

As trevas de Faraó
Venham já sobre mim só
Pois minha luz se perdeu.

Na luz do mais claro dia
Não posso encontrar *claresa*
Minha doce companhia
Onde está vossa alegria
Que me deixa tal *tristesal*

Ho velhice desastrada
Sem glória e sem prazer
Para que me deixais ser
Para que sendo não sou nada
Nem desejo de viver?

Porque não vens padecer?
Porque não vindes tormentos?
Para que são sofrimentos
A que o não quer já ter
Nem busca contentamentos?

Para que quero razão
Para que quero *prodencia*
Nem saber nem discricção
Para que quero a paciência
Pois perdi consolação.

PAJEM
Ho meu senhor meu amado
Porque vos tornastes pó
Porque me deixastes só
Neste mundo coitado
Com tal *tristesal* e dó.

Levareis-me em companhia
Pois sempre vos tive vivo
Ho minha grande alegria
Porque me deixair *cactivo*²⁰
Metido em tanta agonia.

Meu senhor, minha alegria,
Dizei porque me deixais
Com tanta pena notória
Lembrai-vos, tende memória

¹⁸ Na versão de BD lê-se “câs cheias de tristura”.

¹⁹ Na edição da Livraria Chardon todos estas formas verbais – *quebrem-se, rompam-se, chorem, escureça-se, caiam, venham* – aparecem no imperativo. A convocação dos elementos naturais como solidária

da desgraça humana é um dos temas mais comuns da época. Recorde-se, a este propósito, o famoso soneto atribuído a Luís de Camões, por uns, e a Baltazar Estaco, por outros, “O dia em que nasci moura e pereça”.

²⁰ Por “captive” ou “cativo”.

De que tantos²¹ desamparais.

Ho que sem ventura Burlor
De quem serás amparado
De quem terás o favor
Que tenha de teu senhor
Pois que já te *ha* faltado?

ERMITÃO

Não tomeis filho pesar
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobrais o que perdeis.
Deveis filho de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tão ligeiro de passar
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu o senhor infante
Tão pouco a fazer guerra
E ser nele tão possante
E agora em um instante
Ser tornado em escura terra;
Diria com *gran razão*
Que este mundo, coitado,
Não dá outro galardão
Senão *tristes*a e paixão
Como a vós outro foi dado
Olhai a El Rei Salomão
O galardão que lhe deu
A Amon e Absalão
E ao valente Sansão
E ao forte Macabeu
Em a sacra *escriptura*
Muitos mais podia achar
Se os quisesse achar²²
Mas vossa grande cordura
Suprirá donde faltar
E pois que não tem já cura
O mal feito e o passado
Acabe a nossa tristura
E demos a sepultura
A este corpo já finada
Convém que logo levemos
Para que seja enterrado
E pode bem ser guardado
Naquela ermida que vemos
Até ser *embalsamado*.

²¹ Em BD lê-se “quantos desamparais”.

²² “Contar” (BD)..

Aqui levam a Valdevinos à Ermida e entra o Imperador e o Conde Ganalão e diz o IMPERADOR

Certo, Conde Ganalão
Mui grã perdas perdemos
Pesa-me no coração
Porque na corte não temos
Reinaldos de Montalvão
Nem o conde D. Roldão
Nem o Marquez Oliveiros
Nem o Duque de Milão
Nem o infante de Gaifeiros
Nem o forte Meredião.

GANALÃO

Muito alto imperador
Muito estou maravilhado
Porque mostrais tal favor
A quem vos há *deshonrrado*
Com tanta ira e vigor²³.

Que chamando-se *Almasor*
Com o seu rosto mudado
Aquele falso traidor
Com mui grande desonor
Quis *honrrar*²⁴ vosso estado
Porque, senhor, não sentis
Que neste malvado ladrão
Vos prendeu da sua mão
Tomando-vos a Paris
Com muito grande traição?

Pondo-vos em Montalvão
Apesar do vosso Império
Onde com grã vitupério
Estivestes em prisão
Sem ter nenhum refrigério.

IMPERADOR²⁵

Eu me espanto D. Beltrão
De vos ver *daquesta* sorte
E a vos forte duque Amão
Não é esta a disposição
E *trage* da nossa corte.

²³ Em BD lê-se “rigor”.

²⁴ “Desonrar”, em BD.

²⁵ Nesta versão parecem ter sido “esquecidos” alguns versos assim como a informação cénica da chegada dos dois embaixadores mandados pelo Marquez de Mântua, D. Beltrão e o Duque Amão, que vêm vestidos de luto.

DUQUE
Muito mais será espantado
Da nossa triste embaixada
E do caso desastrado
O qual lhe será contado
Se seguro nos é dado.

IMPERADOR
Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor
Para que é assegurar
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de falar.

Diz o Duque à embaixada:

Quis, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos
Primo do forte Guarinos
Filho da linda Ermelina
E do grande Rei Salinos
Fosse morto à traição
Na floresta sem ventura
A tão grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição.

IMPERADOR
É certo que tão *gran* maldade
Que o sobrinho do Marquez
É morto como dizeis?

DUQUE
Pela maior falsidade
Que nunca ninguém tal fez.

IMPERADOR
Saibamos como passou
Este caso desastrado
Que quem tal senhor matou
E tal tirania obrou
Merece bem castigado.

DUQUE
Saberá vossa *magestade*
Que em dez dias pode haver
Que o Marquez foi à cidade
De Mântua com *gran* vontade
A caça como *sos faziam*²⁶.

Andando assim a caçar
Da companhia perdido
Foi *per* ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quasi a ponto de expirar.

Bem pode considerar
O *gran* pesar que teria
De se ver sem companhia
E morrer era tal lugar.

A cousa que mais queria
Perguntando-lhe a razão
Sendo dela mui ignoto
Disse com grande paixão
Que o matara à traição
Vosso filho D. Carloto.

O caso que o moveu
Dar morte tão dolorosa
A tão grande amigo seu
Não foi outra, senhor meu
Salvo tornar-lhe a esposa.

Matou-o à falsa fé
Indo muito bem armado
Com quatro homens de pé
Quem mata tão sem porquê
Merece bem castigado.

O Marquez Danez Ogeiro
Lha manda pedir senhor
Justiça mui por inteiro
Ainda que perca herdeiro
Ele perde sucessor.

D. BELTRÃO
Não deve deixar passar
Tão grande mal sem o prever
Porque deve de cuidar
Se seu filho nos matar
Quem nos deve defender.

E mais lhe faço saber
Porque esteja aparelhado
Se justiça não fizer
Que o Marquez tem jurado
De pôr armas a fazer.

O mui valente e temido

²⁶“Como sohe fazer” (BD).

Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido
Está bem apercebido
Como geral capitão.

D. Crisão e Aguilante
Com o forte D. Guarinos
E o valente Montesinos
Primo do morto infante
Filho de El Rei D. Salinos
E o mui gran Rei Jaião
De D. Reinaldo cunhado
E o esforçado Dudão
E o Gran duque de Milão
E D. Richarte esforçado
O Marquez D. Oliveiros
E o famoso Durandarte
E o infante D. Gaifeiros
E o mui forte Ricardo.
E outros fortes cavalheiros
Todos *tem* boa vontade
De ajudar ao Marquez
Em esta necessidade
Porque foi gran crueldade
A que vosso filho fez.

Evitai, senhor, tal dano
Pois que sois *juis* sem par
Não vos mostreis *inhumano*
Acordai-vos de Trajano
Em a justiça guardar
Assim que alto esclarecido
Podoroso sem igual
O que fez tão grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado Imperial
E pois senhor *ei*²⁷ propostas
A causa porque viemos
E sabeis o que queremos.
Mandai-nos dar a resposta
Com que ao Marquez tornemos.

IMPERADOR
Ho podoroso senhor
Que grande é o vosso mistério
Pois para meu vitupério
Me deste tal sucessor
Que *desbonrrasse* este império.

Se o que dizeis é verdade

Como creio que será
Nunca rei na cristandade
Fez tão grande crueldade
Como por mim se verá.

Por minha coroa juro
De cumprir e de manter
Tudo que digo e procuro
Ao Marquez podeis dizer
Que ele pode vir seguro
E todos quantos tiver
Venham de guerra ou de paz
Assim como ele quiser
E pois que justiça quer
Com ela muito me praz.

Entra D. Carloto e diz:

Bem sei que com gran paixão
Está vossa *magestade*
Pela *falsa* informação
Que de mim contra razão
Deram com grande falsidade.

Porque um filho de tal homem
E de tão grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso de tal traição.

Por vida de minha madre
Que se tão gran *desonor*
Não castigar com rigor
Que me será cruel padre
E não fiel julgador.

IMPERADOR
Não vos queirais desculpar
Pois que tendes tanta culpa
Que se o mundo vos desculpa
Eu não vos hei-de desculpar.

E portanto manda logo
Que sejais posto a recado
Até ser determinado
Por *concelho* de meu povo
Se sois livre ou condenado.

Mando que sejais levado
A minha gran fortaleza
E que lá sejais guardado
De cem homens de Estado

²⁷ Por “eis”.

Até saber a certeza.

D.CARLOTO

E como senhor não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade
Senão mandar-me prender
Por tão grande falsidade!

IMPERADOR

Não vos quero mais ouvir
Levem-no logo à prisão
Onde eu o mando ir
Porque tão grande traição
Não é para consentir.

Vós outros podeis tornar
E contar-lhe o passado
A quem cá vos *quis* mandar
Que o seguro que lhe hei dado
Eu o torno afirmar.

Aqui vem a Imperatriz e diz:

Eu muito me maravilho
De vossa tão grande bondade
Sem razão nem verdade
Tratais assim vosso filho
Com tão grande crueldade.

Olhe vossa *magestade*
Que é herdeiro principal
E que toda a cristandade
Lho terá muito a mal.

IMPERADOR

A mim, senhora, convém
Ser contra toda a traição
E se o vosso filho a tem
Castigá-lo-ei muito bem
E esta é minha tenção.

E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Hei-de castigar o iníquo
Ora seja pobre ou rico
Ora servo ou gran senhor.

IMPERATRIZ

Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado

Sem causa com tal crueza?

IMPERADOR

Quem me cá mandou recado
Não foi senão com certeza.

IMPERATRIZ

Por tal recado senhor
Quereis tratar de tal sorte
Vosso filho é *socessor*
Que depois de vossa morte
Há-de ser Imperador?

IMPERADOR

Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltrato
Mas se ele o merecer
Eu espero de fazer
A justiça de Torquato:
Porque pai tanto *podoroso*
Sendo de tantos caudilho
Se não for tão rigoroso
Nem ele será bom filho
Nem será rei *justiçoso*.

Que agora mal pecador
Nem um rei nem julgador
Faz justiça de maior
Mas antes é *despresado*
O pequeno com rigor.

Todo o mundo é afeição
Julgam com vária remissa
O nobre que tem razão
Algum tem opinião
De lhe trocar a justiça
Que conta eu posso dar
Aos senhores dos altos céus
Se a meu filho não julgar
Como a outro qualquer dos meus
Assim que escusado é
Buscar este *intessessor*
Porque Deus de Nazaré
Não me fez tão gran senhor
Para minha alma perder.

IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada²⁸

²⁸ Este verso faz eco de um outro que se encontra em muitos “romances” populares tal como no

Para que quero viver
Pois que sempre hei-de ser
De meu filho tão penada
Como tão triste mulher
Pois tão triste hei-de ser
Por meu filho muito amado
Nunca tomarei prazer
Senão tristeza e cuidado.

IMPERADOR

Não façais tantos extremos
Pois dizeis que tem desculpa
Que antes que sentença demos
Primeiro todos veremos
Se tem culpa ou não tem culpa
Mostrai maior sofrimento
Que o caso é desastrado
E *hi-vos* a vosso aposento
Que ele não será culpado.

*Aqui se vai a Imperatriz e vem a “mãe” e esposa
de Valdevinos e diz a “mãe”:*

Ho coração lastimado
Mais triste que a noite escura
Ho dolorosa tristura
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!

Ho vida da minha vida
Alma deste corpo meu
Ho desditosa perdida
Ho sem ventura nascida
A mais que nunca nasceu!
Ho filho meu muito amado
Minha doce companhia
Meu prazer, minha alegria
Minha tristeza e cuidado
Minha saborosa²⁹ lembrança
Que serei eu sem os ver
Filho de minha alegria
Ho meu descanso e prazer
Porque me deixais viver
Vida com tanta agonia
Adonde vos acharei
Consolo de meu prazer
Onde vos irei buscar
Pois que perdido vos hei

Para jamais vos cobrar
Filho desta alma mesquinha
Dos meus olhos claridade
Onde estais minha mesinha³⁰
Filho de minha saúde
Meu prazer e vida minha.

Diz a esposa por nome Sibila:

Que é de vós meu coração
Que é da minha liberdade
Espelho da cristandade
Quem vos matou sem razão
Com tão grande crueldade?

Quem vos apartou de mim
Meu querido e meu esposo
Porque me deixais assim
Com cuidado mui penoso?

Ho minha triste saudade
Ho meu esposo e senhor
Minha alegria e vontade
Escudo³¹ da cristandade
Das tristes consolador!
Que farei triste coitada
Mais que uma³² nascida?
Miserável, angustiada
Para que quero ter mais vida
Pois minha alma é apartada.

Ho minha alma³³ variável
Triste cruel matadora
De prazeres roubadora
Inimiga perdurável
Mata-me se queres agora

Diz Hermelina ao Imperador:

Se vossa Gran Magestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal há feito
Não será juiz perfeito.

Não olhe sua *grandesa*

conhecido por “D. Infanta”, ou na célebre cantiga de D. Sancho I: “Ai de mim, coitada...”.

²⁹ No texto aparece “soberosa”.

³⁰ “Mezinha” (BD).

³¹ No texto lê-se “escuda”.

³² “Nenhuma” (BD).

³³ As palavras “minha alma” estão aqui por lapso pois foram copiadas do verso anterior, sendo trocadas com a palavra “fortuna” que se encontra no texto de B. Dias.

Sua madre dolorosa
Nem sua tanta tristeza
Mas olhe tão gran princesa
Como esta sua esposa.

IMPERADOR

Faz-me tanto entristecer
Este tão *gran* vitupério
Que mais quisera perder
Juntamente meu império
Que tal meu filho fazer
Mas se tal verdade é
Como já sou informado
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

SIBILA

Seja justiça guardada
A esta órfã sem marido
Viúva desconsolada³⁴
Tão triste e desconsolada
Mais que tantas tem nascido
Olhai senhor tão grande mal
Como vosso filho há feito
E não queirais ter respeito
Ao amor paternal
Pois que não é por direito.

IMPERADOR

Senhora, não duvideis
Que eu farei o que é hei jurado
Se é verdade o que dizeis
Porque cumpre o meu estado
De fazer o que quereis
Que mais quero ter comigo
Fama de *rigoridade*
Que deixar de dar castigo
A quem cometeu tal maldade.

Para que é ser caudilho
De tanto povo e tão grande
E imperador chamado
Senão *julga-se*³⁵ meu filho
Como qualquer estragado!

Não cuidem duques nem reis
Que por meu herdeiro ser

Que por isso há-de viver
Que aquele que faz as leis
É obrigado a manter.

Assim que por bem querer
Amisade nem respeito
Como agora *sohem* fazer
Não hei-de negar direito
A quem direito tiver
E bem vos podeis tornar
Fazei certo o que dissestes
E não torneis tal pesar
Por que o bem que já perdestes
Não o cobrais com chorar.

HERMELINA

Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos de vossa grandeza
Olhai bem senhor quem fomos
E de que linhagem somos
Pois Deus nos deu tal nobreza.

SIBILA

Olhai os serviços dignos
Que tanto tempo vos fez
Meu esposo Valdevinos
Também seu tio Marquez
E como foram contínuos.

*Aqui se vai Hermelina e Sibila e virá Reinaldos
com uma carta que tomaram a um PAJEM de D.
Carloto e diz REINALDOS DE
MOLTALVÃO:*

O Sumo Rei dos Senhores
Que morreu crucificado
Em poder dos fariseus
*Acrecenté*³⁶ vosso estado
E vos livre dos traidores.

IMPERADOR

Mui valente e esforçado
Reinaldeos de Montalvão
Vós sejais também chegado
Como a sombra no Verão.

Muito estou maravilhado
Invencível e mui forte
De ver-vos assim armado

³⁴ “Desamparada” (BD).

³⁵ Confusão com o imperfeito do conjuntivo “julgasse”, forma que se encontra em BD.

³⁶ Em B. Dias lê-se “acrescente”. De notar que esta corresponde à forma mirandesa (< *acrecentar*).

Sabendo que em minha corte
Nunca fostes maltratado.

REINALDOS

Senhor não seja espantado
De ver-me assim desta sorte
Porque com todo o cuidado
Ganalão vosso cunhado
Sempre me procura a morte.

Bem sabeis que sem razão
Com vontade me³⁷ maligna
Fez matar com tão³⁸ traição
A Tiranes e a Erotina
E a mim já quis matar
Muitas vezes com maldade
E para mais me danar
Fez a sua *magestade*
Mil vezes me desterrar.

O grande mal que me quer
De todo o mundo e sabido
E por isso quis trazer
Armas para ofender
Antes que ser ofendido.

Mas deixando isto assim
Guardado para seu lugar,
Onde se há-de vingar;
Vos quero senhor contar,
Notório a todo o cristão
É o pesar lastimoso
Do Marquez Danés Ogeiro
Que tem com justa razão
Pela morte de herdeiro.

Nesta nobre corte estão
Muitos mui nobres senhores
Que sabem que D. Beltrão
E o nobre duque Amão
Foram seus embaixadores
Também este é sabedor
Das respostas que lhe deste
E mais de como prendestes
Vosso filho *socessor*.

Do qual está mui contente
De tê-lo posto em prisão
Porque na carta presente

Confessa toda a traição
A qual fez da sua mão
E um pajem a levava
Para o conde D. Roldão
Que na cidade de Boava
Faz a sua habitação.

E como não há falsia
Que se possa esconder
Tinha o Marquez espia
Porque queria saber
O que D. Roldão faria.

Esse pajem *embossado*
Sem suspeita nem revés
Ia mui determinado
Onde logo foi tomado
E levado ao Marquez.

Nela contava a tenção
Porque o matara à traição
Isto é senhora a verdade
O que vos mando dizer.
Se o que digo é falsidade
Que por isso a *quix* trazer
A letra a bem conhecer
Que é este o seu sinal
Pois quem faz tão grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

IMPERADOR

Se a tal carta disser
Não se há mister mais provar
Nem mais certeza fazer
Se não logo executar
A pena que merecer.

E portanto sem deter
Leia-se publicamente
Ante esta nobre gente
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente.

*Carta de D. Carloto a D. Roldão:*³⁹

Caudilho de grão poder
Capitão de cristandade
Esta vos quis escrever

³⁷ “Mui”(BD).

³⁸ “Gran” (BD).

³⁹ No nosso texto lê-se: “Carta de D. Carloto e de D. Roldão”.

Para vos fazer saber
Minha *gran* necessidade.

Porque o verdadeiro amigo
Há-de ser no coração
Assim como fiel irmão
E não há-de temer perigo
Por salvar quem tem razão.

Porque sabereis senhor
Que me sinto mui culpado
Como quem foi matador
E temo ser condenado
De meu padre Imperador.

Eu confesso que pequei
Pois com vontade danosa
A Valdevinos matei
Amor me fez com que errei
E o primor da sua esposa.

O Imperador meu padre
Me mandou preso guardar
E nunca *quize* atentar
Os *roubos*⁴⁰ da minha madre
A ninguém quiz escutar
E o Marquez tem jurado
De não vestir nem calçar
Nem entrar no povoado
Até me ver justicar.

Tenho por acusadores
A Reinaldos de Montalvão
O seu padre Duque Amão
E muitos grandes senhores
O grão Duque de Milão
Com o forte Montesinos
Que é primo de Valdevinos
Assim que todos me são
Acusadores contínuos.

Pois tantos contra mim são
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queirais ser comigo
Porque tendo D. Roldão
Não temo *ninhum* perigo.

IMPERADOR

Antes que algum mal cresça
Façamos o que devemos

Pois o *signal* conhecemos
E pois vemos que confessa
De mais prova não curemos
Nem vos façais mais detença
E pois já tendes licença
Podeis dizer ao Marquez
Que venha ouvir a sentença.

*Ir-se-ha Reinaldos e vem a Imperatriz vestida de dó
e diz o IMPERADOR:*

Senhora já não dirão
Que fui eu mal informado
Nem que o prendo sem razão
Pois por sua confissão
Vosso filho é condenado.

Vedes a carta presente
Que foi feita de sua mão
Para o conde D. Roldão
Em a qual *mui* largamente
Declara toda a traição.

IMPERATRIZ⁴¹

Eu muito me maravilho
Do que senhor me *as*⁴² contado
Mas pois ele é confessado
Melhor é morrer o filho
Que *deshonrrar* o Estado.

Mas a dor do coração
Sempre me há-de ficar
Peça-me com afeição
E que lhe busque salvação
E que o queira escutar.

IMPERADOR

Melhor é que o sucessor
Padeça morte sentida
Que ficar o pai traidor
Que será tocar o honor⁴³
Pela *deshonrra* crescida
Também eu padeço dor
Também eu sinto paixão
Também eu lhe tenho amor
Mas antes quero razão

⁴⁰ Por “rogos”, tal como se lê na versão impressa.

⁴¹ Certamente por lapso do “copista”, na nossa versão, esta intervenção é também atribuída ao Imperador e a seguinte à Imperatriz.

⁴² “Has” (BD).

⁴³ “Trocar o honor” (BD).

Que *amisade* nem favor.

IMPERATRIZ

Pois que não pode escapar
Eu não consinto nem quero
Que vós o hajais de julgar
Porque vos podem chamar
Muito mais pior que Nero.

IMPERADOR

Não vivais em tal engano
Que também foram caudilhos
O grão Torquato e Trajano
E quiseram com grão dano
Ambos justicar seus filhos.

Pois que menos farei eu
Tendo tão grande estado
A quem com razão culpado
Em maior caso é que o seu?

E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pesar
Porque com vos enojar
Dá-se grão tristeza ao povo.

IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado
Porque vejo que é razão
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

*Aqui vai a Imperatriz e vem o Marquez de
Mântua vestido de dó e diz o MARQUEZ:*

Bem parece alto senhor
Que vos fez deus sem segundo
E de todos superior
Dos maiores o melhor
Rei e monarca do mundo.

Porque vós, senhor, sois tal
Que com razão e verdade
Sustentais cristandade
Em justiça universal.

A qual para salvação
Vos é muito necessária
Porque convém ao cristão
Que o uso mais de razão

Que dá afeição voluntária.

Como faz vossa grandeza
Com seu filho *socessor*
Assim te digo senhor
Que estima mais a nobreza
Que *amisade* nem favor.

IMPERADOR

Não curemos de falar
Em *cousa* tão conhecida
Porque nesta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida
Para sentir grão pesar
Vós tendes razão infinita
E também de me vingar
Pois foi justa a vossa vinda
Bem vimos a vossa embaixada
E a causa dela proposta
Foi de nós *mui* bem olhada
E não menos foi mandada
Mui convencível resposta
E vimos vossa atenção
E soubemos vosso voto
E vemos que tendes razão
Pela grande informação
Do Príncipe D. Carloto
E vimos a confissão
De D. Carloto também
E sabemos a traição
Como na carta contém
Que mandava a Roldão
De tudo *certeficado*
Eu condeno a D. Carloto
Tudo o que tenho mandado.

Vem o PAJEM da Imperatriz dizendo:

A Imperatriz, senhor,
Está tão amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor
Nenhum *signal* de vida
Nenhum remédio lhe vem
Senão nela padecer
Sem lhe *poder-mos*⁴⁴ valer
E segundo dela queremos
Mui pouco há-de viver.

⁴⁴ Por “podermos”.

IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua *gran descripção*⁴⁵
Mais sinto sua paixão
Do que a morte de seu filho
Não me quero mais deter
Quero a ir consolar
Pois tanto lhe faz mister
Não sei porque é enojar
Por justiça se fazer.

*Aqui se vai o Imperador e virá Reinaldos com o
Algós o qual trás a cabeça de D. Carloto e diz
Reinaldos:*

Já agora senhor Marquez
Vos podeis chamar Vingado
Porque assaz é castigado
O que tanto mal vos fez
Pois que morreu degolado
Fazei por vos alegrar
Dai graças ao *redemptor*
Pois assim nos *quize* vingar
Sem nenhum de vós perigar
E com mais vosso valor.
FIM.

⁴⁵ “Discrição” (BD).

